

Marcas na pele: reflexões sobre tatuagem, identidade e escolarização pós-moderna

Skin marks: reflections on tattoo, identity, and postmodern schooling

João Paulo Baliscai

Universidade Estadual de Maringá – UEM

Vinícius Stein

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Chih Wei Chiang

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Resumo

O objetivo deste artigo é estabelecer relação entre tatuagem, identidade e escolarização. Para investigar a temática proposta, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica em que, em um primeiro momento, problematizamos as distintas compreensões atribuídas às identidades dos sujeitos. Em um segundo momento, destacamos o potencial pedagógico das imagens na sociedade pós-moderna, e em terceiro, investigamos a tatuagem como artefato visual que marca a identidade dos indivíduos pós-modernos. A partir desses pontos, consideramos que as imagens do cotidiano exercem funções pedagógicas. Além disso, identificamos que na pós-modernidade, assim como em momentos anteriores, os sujeitos utilizam da tatuagem para demarcar pertencimento em determinados grupos e para valorizar a estética e a beleza do corpo.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Pós-modernidade, Modernidade Líquida, Pedagogias Culturais, Corpo.

Abstract

The purpose of this article is to establish relationship between tattoo, identity and schooling. To investigate the proposed theme, we have developed a bibliographical research in which, at a first moment, we problematize the different understandings attributed to the identities of the subjects. In a second moment, we highlight the pedagogical potential of the images in post-modern society, and thirdly, we investigated the tattoo as a visual artifact that marks the identity of postmodern individuals. From these topics, we consider that the daily images exert educational functions. Moreover, we identified that in post-modernity, as in previous times, the subjects used the tattoo to mark membership in certain groups and to enhance the aesthetics and beauty of the body.

Keywords: *Cultural Studies, Post-modernity, Liquid modernity, Cultural pedagogies, Body.*

Introdução

As temáticas que tratam sobre a visualidade e elementos do cotidiano, como pichação, *graffiti*, *piercings*, pintura corporal e tatuagem são recorrentes nas reflexões de pesquisadores dos Estudos Culturais e se aproximam por apresentarem suportes diferenciados daqueles tradicionalmente conhecidos e também pela ênfase na discussão das identidades culturais. Qual a importância das imagens do cotidiano para a constituição identitária dos indivíduos contemporâneos? Como as pessoas desenvolveram habilidades e costumes de marcação corporal? Quais os indivíduos que se tatuam? Como são vistos pela sociedade? Estas perguntas se harmonizam com o problema de pesquisa que mobiliza esse artigo: Quais relações podem ser estabelecidas entre tatuagem, juventude e identidade?

Nesse artigo, nosso objetivo principal é estabelecer relação entre tatuagem, identidade e escolarização e investigar a tatuagem como artefato visual que marca a identidade dos indivíduos pós-modernos. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica dividida em três momentos. No primeiro deles, discutimos sobre as concepções da identidade enfatizando os aspectos característicos daquilo a Hall (2006; 2012) se refere como identidades pós-modernas. No segundo momento, argumentamos sobre a papel das imagens na sociedade pós-moderna, dialogando a respeito da função pedagógica que os artefatos visuais exercem (BALISCEI, 2014; SABAT, 2001; 2003). Em um terceiro momento, antes de nossas considerações, refletiremos sobre a prática da tatuagem e sobre a valorização do corpo, debruçando-nos sobre o modo como a relação com o corpo repercute nas infâncias e juventudes escolares.

Do que são feitas as identidades? Concepções pré-modernas, modernas e

pós-modernas

As concepções e entendimentos sobre "o que são identidades?" são problematizadas nas distintas compreensões que se têm desse elemento da sociedade e variam de acordo com o momento histórico e cultural que se vive. De acordo com Hall (2006, p.7), as velhas identidades "[...] que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado". Podemos dizer, portanto, que atualmente a identidade do indivíduo está em processo de mudanças e transformações. Em momentos anteriores, essas identidades eram vistas como estáveis, unificadas, bem estruturadas e centradas. Hoje, encontram-se instáveis, móveis e fragmentadas.

Assim, com esta descentração do sujeito, deparamos com uma crise de identidade (HALL, 2006; 2012), na qual o indivíduo com suas múltiplas escolhas de identidade sente-se inseguro frente a tantas variações. Diante desses pontos, o autor separa a identidade em três concepções: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

Segundo Hall (2006, p. 10), o sujeito do iluminismo "[...] estava baseado numa concepção [de] [...] indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo 'centro' consistia num núcleo interior [...]". Assim, a organização social o levava a acreditar que possuía uma identidade única e pronta, portanto, desconhecia a possibilidade da identidade ser modificada. Nesse sentido, tendo nascido em um determinado grupo cultural ou classe econômica, por exemplo, os indivíduos passariam por toda a sua vida pertencendo a esse grupo ou classe. Tal fato pode ser exemplificado por ditados populares como, "quem nasce pobre, morre pobre" ou "filho de peixe, peixinho é".

Segundo Kellner (2001, p. 296), “[...] foi na modernidade que a consciência de si passou a ser reconhecida; tornou-se possível refletir continuamente sobre os papéis e as possibilidades sociais disponíveis e distanciar-se da tradição”. Diferente da pré-modernidade, em que o indivíduo pensava somente no “eu único”, por não ter a consciência da possibilidade de modificação da identidade, na modernidade (século XVI até meados do século XIX), “o outro” se constituiu em um papel importante para compor as identidades. Como pontuado por Kellner (2001, p. 296):

Na modernidade há [...] uma estrutura de interação com papéis, normas, costumes e expectativas socialmente definidos e disponíveis; precisamos escolhê-los e reproduzi-los para obtermos identidade num processo complexo de reconhecimento mútuo.

Analisamos que essa concepção parece ir ao encontro daquela a qual Hall (2006, p. 11) se refere como a do sujeito sociológico, a qual:

[...] refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

O sujeito aqui referido não é mais aquele que possui uma identidade fixa sem mutações, isto é, passa a ter a noção de que as identidades podem sofrer mudanças, perdas, adaptações e acréscimos em sua vida cultural. No entanto, isso não quer dizer que os indivíduos não tenham mais a sua própria essência, o seu “eu verdadeiro”. É contemplado que, com o convívio e interação com diferentes grupos e culturas, a identidade dos indivíduos sofre constantemente alterações e influências.

Assim, entendemos que a concepção de identidade do sujeito sociológico (HALL, 2006) ainda considera a existência de um “eu no seu comando” que, no decorrer da vida, pode

compartilhar experiências pela interatividade entre sujeitos. É como pensarmos na construção de um boneco de neve: damos início a sua forma com uma bola de neve pequena. Só após juntarmos mais neve é que constituímos uma bola maior para fazermos a cabeça e o corpo do boneco de neve. Por meio dessa analogia, compreendemos que esse processo de acréscimo/soma para aumentar o aglomerado de neve e construir um boneco assemelha-se ao indivíduo na concepção que Hall (2006) denomina por sociológica. Inicia-se como uma bola de neve pequena (o "eu verdadeiro") e fica cada vez maior por conta das possíveis transformações sofridas como dito anteriormente.

Sobre a terceira concepção, a do sujeito pós-moderno, Hall (2006, p. 12) afirma que o sujeito "[...] está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades. [...] [O] processo de identificação, por meio do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático". A identidade, antes compreendida como estável e unificada, na pós-modernidade, passou a ser uma soma de várias identidades, o que de certa forma, causa contradições e instabilidade. Não se trata mais de um indivíduo com identidade permanente e fixa, e sim, uma pessoa em constante mudança. Como argumenta Bauman (2007), as atividades de compras, o acesso fácil e rápido às informações, a superficialidade dos vínculos, a intensa auto-exposição, a busca incondicional pela satisfação e pelos espetáculos oferecem subsídios para a crise de identidade pós-moderna.

Nesse processo de repetições, de compra e descarte de produtos, na pós-modernidade, os indivíduos, sobretudo as crianças e adolescentes (SCHOR, 2009), estão frequentemente em contato com os artefatos visuais que, em uma cultura dominada por imagens que oferecem padrões de beleza e de vida, oferecem referências para a constituição identitária. Na pós-modernidade, cartazes, propagandas publicitárias, imagens

televisivas, embalagens de produtos, vitrines, cinema e tatuagens operam como imagens que educam.

Por isso, concordamos com Baliscei e Stein (2015), quando evidenciam que um dos pontos a ser destacado no mundo pós-moderno é o papel importante exercido pela visualidade propagada nos artefatos cotidianos. Como demonstrados pelos autores, a visualidade intrínseca nas propagandas, televisão, internet, *outdoors*, vitrines de lojas e brinquedos contribuem para a formação e manutenção do pensamento, dos corpos e dos comportamentos dos indivíduos.

Visualidade e cotidiano: imagens que educam

Cunha (2008) discute sobre os papéis pedagógicos das imagens a partir de sua experiência e vínculo com os “santinhos” - cartões com imagens de santos e santas, distribuídos pelos fiéis da Igreja Católica. Segundo a autora, essas imagens foram de grande importância para sua história e infância de tal modo que sempre se lembrava dos céus desses “santinhos” quando admirava o pôr do sol. Cunha (2008, p. 108) afirma que “[...] a cultura visual produz visões sobre nós, sobre os outros, a infância e sobre o mundo”. A autora constata que, em alguns momentos confundimos o mundo real e o mundo fictício, visto que as imagens representativas de situações e personagens fictícias interferem em nossas ações cotidianas no mundo real. Esses objetos possuidores de significados culturais difundem determinados modelos de comportamento e de beleza e desempenham funções pedagógicas. As imagens,

[...] sejam da[s] mais diferentes produções, da Capela Sistina ao Almanaque da Mônica, sempre contam histórias a partir de determinados pontos de vista, sendo que muitas vezes há

intencionalidade por parte dos produtores de imagens em produzir determinadas narrativas sobre o mundo.

A exemplo disso, citamos Souza, Baliscei e Teruya (2015), que escolheram um *Shopping Center*, para verificar quais ensinamentos sobre corpos e beleza são insinuados nos manequins das vitrines de lojas. Nessa coleta de dados, em primeiro momento, contaram o número de manequins e as representações (fotografias, cartazes e embalagens) de homem e mulher que integram a vitrine. Ao fim, somaram um total de 489 manequins e 108 representações visuais. Após essa contagem, repararam em um ponto que os chamou a atenção: observaram, nesta contagem, que o número de manequins pretos era significativamente menor que o número de manequins brancos. De maneira semelhante, Baliscei, Teruya e Stein (2015) preocuparam-se em analisar propagandas de carro, identificando e problematizando as condutas, valores e visualidades associadas aos sujeitos masculinos.

Quando mencionamos esses exemplos, denunciemos que as imagens analisadas propagam modelos específicos de beleza, de identificação, de corpo, de masculinidade e feminilidade e oferecem estereótipos marcando, assim, a posição do "sujeito ideal".

Cunha (2008) examina que, quando as imagens constroem e desestabilizam nossos gostos e interpelam nossas escolhas, elas atuam como Pedagogias Culturais. O termo se refere às maneiras educativas trabalhadas pelos diversos meios da cultura midiática e visual que geram conhecimentos e estruturam as identidades particulares e coletivas. De acordo com Cunha (2008, p. 112):

Para além da produção de narrativas sobre o mundo, o universo visual e seus artefatos posicionam pessoas e grupos. A grosso modo, podemos dizer que assim como os mecenas ostentavam seus retratos familiares produzidos por artistas reconhecidos hoje são os bens de consumo que definem nosso lugar social.

Pensar em bens de consumo como definidores do nosso lugar social tem relação com a concepção de identidade pós-moderna. Os indivíduos que nasceram e vivem nesse mundo pós-moderno estão englobados pela vasta produção de representações visuais e, conscientes disso ou não, espelham-se em modelos femininos e masculinos, padrões de beleza e de corpo, constituídos, sobretudo em referenciais brancos, masculinos, heterossexuais e de classe média (STEINBERG E KINCHELOE, 2001).

Sabat (2001, p. 13) nos auxilia na compreensão do modo como as imagens exercem funções pedagógicas, dizendo que a publicidade se apropria de discurso “[...] que leva o/a consumidor/a a estabelecer com o produto um tipo de relação pessoal. É como se aquele produto tivesse sido criado especialmente para cada um de nós, individualmente”. Como destaca Schor (2009) temos visto, cada vez mais, pais e mães cedendo à vontade de seus filhos de consumirem produtos específicos, normalmente caracterizados por personagens infantis: toalhas, *shampoos*, pastas de dente, roupas, sapatos, materiais escolares e produtos alimentícios. Ainda que a insistência das crianças e o apelo publicitário para que elas se insiram no mundo do consumo sejam fatores significativos é importante destacar que, muitas vezes, os próprios pais, mães ou responsáveis adquirem os objetos sem interferência de seus filhos, por associá-los à fofura, ao cuidado, à infância e delicadeza (SCHOR, 2009).

Steinberg e Kincheloe (2001, p. 24) inferem que as empresas e corporações que produzem e divulgam propagandas “[...] de toda a parafernália para as crianças consumirem promovem uma ‘teologia de consumo’ que efetivamente promete redenção e felicidade através do ato de consumo (ritual)”. Em outras palavras, os indivíduos passam a comprar por comprar, por sentirem a necessidade de consumir algo, e não para obter e

usufruir do produto.

Nesse artigo, salientamos que, para além dos manequins e das fotografias em vitrines, das propagandas de carros, das bonecas *Barbie* (STEINBERG, 2001), dos materiais escolares (NUNES, 2010) e das princesas da *Disney* (GIROUX, 1995), existem outros artefatos visuais colecionáveis que podem operar como pedagogias culturais: as tatuagens.

A tatuagem como artefato visual: imagem e corpo

Até aqui, verificamos as mudanças ocorridas a respeito das concepções que os sujeitos têm sobre as identidades e discutimos sobre o potencial pedagógico das imagens para a sociedade contemporânea ou pós-moderna. Dentre os muitos artefatos que atuam como pedagogias culturais, nesse artigo, debruçamo-nos sobre as tatuagens, prática essa que, conforme Castela (2008) e Manguinho (2010) não é recente e nem exclusiva da pós-modernidade. Os primeiros registros de tatuagens são de humanos que viveram aproximadamente 5000 a.C., no período Neolítico.

Conforme a definição no dicionário¹,

A palavra tatuagem (do inglês *tattoo*) significa ação ou efeito de tatuar; arte de introduzir debaixo da epiderme substâncias corantes, vegetais ou minerais, para produzir desenhos indeléveis, como se pratica entre os povos selvagens e entre marinheiros, soldados e criminosos. Esta prática, hoje em dia, é comum entre pessoas das mais variadas culturas e camadas sociais.

Ao longo da história e das culturas, as tatuagens apresentaram várias funções e significados². O ponto em comum que estabelecemos entre esses é que: as tatuagens

¹ <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 10 de set. de 2014,

² Ao longo da história da humanidade, as tatuagens assumem significados e funções variadas. Povos britânicos

caracterizam e demarcam indivíduos como pertencentes/ou não de um grupo.

Como cita Castela (2008, p.146), as tatuagens,

[...] têm cumprido distintas funções segundo a época ou a cultura. A tatuagem, também tomada como marca, como sinal, revela hábitos e costumes que constroem o saber do homem [e da mulher], sobre si mesmo e sobre o outro, pois, pelos relatos sobre a tatuagem temos que a mesma produz sentidos de identificação que marcam os efeitos de sentido de opressão, pertença – individual e/ou colectiva e de liberdade.

Muitas vezes essa caracterização ou classificação é generalizada. Manguinho (2010) relata sobre um marido que não permitia que a mulher fizesse qualquer tipo de tatuagem, pois relacionava os desenhos à prostituição, uma vez que as “vagabundas”, “prostitutas” e “raparigas” que ocupavam as ruas da cidade, à noite, exibiam os desenhos e marcas que tinham em seus corpos. Nesse caso, percebemos que a primeira associação feita pelo marido foi da tatuagem com a prostituição³, desconsiderando as demais associações que poderiam ser feitas. Essa associação simplista, pode ser explicada, em partes pelos aspectos culturais, sociais e artísticos que, ao longo do tempo, relacionaram a tatuagem e demais intervenções no corpo como marcação de grupos marginalizados que, por seu comportamento transgressor e divergente, mereciam e precisavam ser caracterizados por uma estética com semelhantes predicativos.

Como analisa Eco (2007), por exemplo, para representar aqueles que perseguiram Jesus, Hieronymus Bosch (1450-1516), pintor holandês, recorreu a representação de

antigos utilizavam-na para assustar os/as inimigos/as nas guerras (CASTELA, 2008); Nas décadas de 1950 e 1960 a prática passa a ser desempenhada por gangues e movimentos contraculturais (LEITÃO, 2004); No Brasil, a tatuagem chega por volta dos anos de 1960, trazida por um marinheiro dinamarquês conhecido como *Tatto Lucky*, de família de tatuadores (PÉREZ, 2006).

³ No século XVIII, na Europa, a prática de tatuar era popular entre os marinheiros e as prostitutas que frequentavam os portos (MANGUINHO, 2010);

piercings para acentuar a rebeldia e agressividade daqueles que violentavam a figura santa, como pode ser analisado nas personagens da Figura 01, que reúne detalhes da obra *Cristo carrega a cruz*, de 1502.



Figura 01. Detalhes da obra *Cristo carrega a Cruz* (1502), de Bosch, óleo sobre madeira. Museum voor Schone Kunsten, Bélgica.

Fonte: Abril, 2011, p.127.

Se antes a tatuagem era praticada por índios, sociedades tribais, marinheiros, presidiários, piratas, soldados e, no caso do relato mencionado anteriormente, por prostitutas (CASTELA, 2008; LEITÃO, 2004; PÉREZ, 2006), na pós-modernidade quais são os sujeitos que se tatuam? Como são vistos pela sociedade? Aqui, não temos a intenção de responder essas perguntas isoladamente. Compreendemos tais questionamentos como convites à reflexão e à problematização do modo como as tatuagens e os tatuados são enxergados na pós-modernidade.

O corpo à mostra: a supervalorização da aparência

Na pós-modernidade não conseguimos definir os sujeitos da tatuagem, pois eles são múltiplos, diversos, instáveis e, como afirma Pérez (2006, p.6), sem “[...] fronteiras de sexo, percorre[m] as diferentes gerações, transita[m] por todas as classes sociais, pertence[m] a distintos níveis educativos”. Assim, aqueles que se tatuam não apresentam um perfil social determinado, com características próximas ou recorrentes. A concepção da autora vai ao encontro das observações que, anteriormente, tecemos sobre as identidades pós-modernas. Como destaca Eco (2007, p. 430),

Hoje, *piercing* e tatuagem podem ser vistos tão-somente como desafio geracional e, com certeza, não são compreendidos (pela maioria) como escolha delinqüencial - e uma jovem com anel na língua ou com um dragão tatuado no ventre descoberto poderá participar de uma manifestação pela paz ou pelas crianças famintas na África.

Para o autor, na contemporaneidade, momento ao qual nos referimos como pós-modernidade, beleza e feiúra não são valores estéticos antagônicos - ao contrário disso, são opções relativas e possíveis de serem vividas e manifestadas, inclusive, simultaneamente. Conforme o autor, em movimentos de afastamento daquilo que é considerado "normal" e "convencional", "[...] os jovens maquiam-se, tatuam-se, perfuram-se as carnes com alfinetes para ficarem mais parecidos com Marilyn Manson do que com Marilyn Monroe". O fato de a estética da juventude pós-moderna estar se aproximando mais de Marilyn Manson (1969--), músico excêntrico, cujas *performances* são marcadas por intervenções corporais, do que de Marilyn Monroe (1926-1962), atriz sensual e símbolo de beleza, demonstra movimentos de desvinculação da prática de tatuar como sendo exclusiva de grupos marginalizados. A popularização da prática de tatuar é evidente, inclusive, em celebridades, cânones de beleza contemporâneos, que invadem as televisões, passarelas e páginas de revistas com seus corpos marcados por linhas, formas e cores,

como é o caso do modelo canadense, Rick Genest (1985--), *Zombie Boy* (Figura 02).



Figura 02. Frames do clipe *Born This Way*, de Lady Gaga, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wV1FrqwZyKw>

Somado à popularização e permissividade da prática de tatuar, na pós-modernidade há demasiada valorização do corpo e da aparência, como meios visuais, para reforçar posições sociais dentro da cultura em que o sujeito está inserido. E como não poderia ser diferente, o espaço e indivíduos escolares não escapam aos desejos de intervenção corporal.

Nos espaços escolares, os professores e principalmente os alunos são “[...] examinados, classificados, ordenados, nomeados e definidos por seus corpos, ou melhor, pelas marcas que são atribuídas a seus corpos” (LOURO, 2002, p. 1). Pela necessidade de pertencimento e identificação com o grupo, há a preocupação das crianças e jovens em idade escolar com o olhar e a aceitação dos demais estudantes. Vale tudo para que haja aceitação: modificam-se os corpos, aderem-se aos modismos, transformam-se constantemente e seguem incessavelmente as tendências propagadas pela cultura midiática. As crianças e jovens “[...] que ostentam uma epiderme ilustrada ou cabelos azuis espetados no alto da cabeça, o fazem [...], para sentirem-se iguais aos outros” (ECO, 2007, p.430).

Na pós-modernidade, a valorização da aparência é relacionada à contemplação social de um "corpo jovem", às formas variadas de modificações e também de conservação (CASTELA, 2008). Dessa maneira, chama-nos atenção a busca dos jovens pós-modernos pelas tatuagens como forma de modificação de seu próprio corpo. Desenhos enfeitam e significam as identidades e corpos infanto-juvenis.

Assim como as imagens da publicidade que demarcam fronteiras que distinguem roupas, comportamentos e características de meninos e meninas (SABAT, 2001), na tatuagem também existem esses padrões de diferenciação entre o masculino e o feminino. A princípio, podemos identificar pela escolha do desenho para tatuar. Manguinho (2010) analisa que as mulheres e meninas preferem ilustrações de flores, borboletas, personagens de desenho animado, imagens delicadas. Além disso, frequentemente se tatuam para homenagear algum membro da família, como filhos, o pai ou mãe. Já os homens e meninos, conforme a autora, identificam-se mais com imagens de dragões e tribais. Consideram que as tatuagens maiores demonstram e reforçam sua masculinidade, força e agressividade perante os demais (MANGUINHO, 2010).

Também há distinção entre os gêneros quanto aos locais escolhidos para a realização da tatuagem: homens e garotos tatuam nos braços e nas costas para reforçar a concepção de masculinidade a partir do corpo; e mulheres e garotas tatuam mais a nuca, os ombros e os pés, pois são locais que remetem à sedução e sensualidade (MANGUINHO, 2010).

Sendo assim, em contextos pós-modernos, podemos considerar que tatuar-se não se trata mais exclusivamente de uma questão ritualística, como ocorria antigamente. Além desse sentido, podemos considerar a prática como estratégia de sedução e de adaptação do corpo aos valores e estéticas vigentes. É como se, em parte, as tatuagens sejam justificadas "[...] pelo desejo de 'sentir-se bem consigo mesma' e 'estar bem na sua pele',

remetendo à ideia do bem estar próprio como um valor importante na contemporaneidade” (LEITÃO, 2004, p. 6).

Na pós-modernidade, como afirma Silva (2010, p. 17) “[...] o ato de tatuar-se continua carregando significado, mas não sendo o único. Muitas vezes é puramente estético: moda, desejo, impulso, etc”. Assim, justificam-se as modificações do corpo pela insatisfação frente à estabilidade, pela preocupação com a autoimagem e pela afirmação da própria existência dentro da sociedade.

Momo e Costa (2010) enfatizam a rapidez com que as crianças e jovens das escolas se desfazem do seu corpo "natural" e buscam meios e estratégias para "providenciar" um corpo que seja "adequado" ou conveniente aos padrões de beleza. Cortam os cabelos, pintam as unhas, colore as mechas, usam *piercings*, correntes, chaveiros, *bottons* e se tatuam. Quando não há acesso ou condições para usufruírem de serviços profissionais, os estudantes improvisam os próprios materiais escolares para moldarem seus corpos: pintam seus cabelos com papel crepom, as unhas com canetas hidrocor, providenciam *piercings* com as espirais dos cadernos, tatuam-se com canetas e, em casos mais extremos, com agulhas e pontas de compassos. Momo (2008, p. 13) relata que,

Dentre os procedimentos empregados para se tatuar, os que são utilizados por crianças de até nove/dez anos são as tatuagens feitas com canetas esferográficas - desenhos inscritos sobre a pele - e as tatuagens coladas adquiridas junto com algum produto como *chiclets* e salgadinhos. [...] São práticas que ferem o próprio corpo. Usam uma agulha de costura, aquecendo-a e imergindo sua ponta em tinta de caneta para desenhar sob a pele [...].

Considerando a provisoriedade e instantaneidade das identidades e do corpo das crianças e jovens escolares, Momo e Costa (2010 p, 978) caracterizam-nos como mutantes,

que possuem medo exacerbado e dramático de cair no esquecimento, no anonimato e na insignificância. Mutantes cujos corpos são produzidos para,

[...] serem vistos no "palco" escolar. Pensamos que a escola tem sido mais um dos lugares, como a *internet* e tantos outros, em que é possível se tornar visível. É para a escola que as crianças pós-modernas vão diariamente e é para expor nesse palco que elas produzem seus corpos espetacularizados.

Mutantes sedentos e dependentes de atenção invadem às salas de aulas e, em conjuntos ou individualmente, elaboram estratégias para garantir que seus corpos, assim como sua identidade, sejam reconhecidos e aceitos pelos professores, pelos seus semelhantes e pela sociedade. Essas mudanças de comportamentos, valores e modos de se relacionar com as imagens e com o próprio corpo, exigem dos professores pós-modernos que reavaliem os conteúdos, as metodologias, as políticas públicas e os questionamentos que balizam as intervenções pedagógicas contemporâneas.

Considerações finais

Para desempenharmos o objetivo de estabelecer relação entre tatuagem, identidade e escolarização discutimos sobre as mudanças ocorridas nas concepções atribuídas às identidades dos indivíduos, ressaltando que, na pós-modernidade, a sobreposição e coexistência de múltiplas identidades se deve, em parte, ao contato exacerbado com informações e imagens. Imagens essas que, mais do que nunca, vêm exercendo seu potencial pedagógico.

A partir dos artefatos visuais e da cultura midiática, nossos olhares sobre o mundo e

sobre nós mesmos são influenciados, moldados e educados. Dentre os muitos artefatos visuais disponíveis no cotidiano, direcionamos nossas preocupações e inquietações para as tatuagens, analisando a história e significados dessa prática artística. Observamos que essas marcas corporais identificam os indivíduos pós-modernos, reunindo-os em diferentes grupos, independentes de classes sociais, faixas etárias, profissões e níveis de escolarização. Verificamos que os sujeitos pós-modernos valorizam a aparência e as modificações e intervenções necessárias para que possam corresponder ao ideal de beleza. Como consequência disso, prontificam à manutenção e transformação de seus corpos. Consideramos que na pós-modernidade, o modismo e a idealização de um corpo perfeito, exibicionista, espetacularizado têm acrescentado outros significados à prática de se tatuar e que têm encontrado na escola um espaço - palco- para expor a vaidade e a necessidade de atenção decorrente destas.

Referências

ABRIL. **Bosch**. Tradução de Simone Novaes Esmanhotto. São Paulo: Abril, 2011. (Coleção Grandes Mestres; v.19).

BALISCEI, João Paulo. **Os artefatos visuais e suas pedagogias**: Reflexões sobre o ensino de arte. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Teresa Kazuko Teruya. Maringá, 2014.

BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius. Como olhamos e somos olhados Como olhamos e somos olhados pelas imagens? Estudos críticos dos artefatos da cultura visual. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.251-275, jan./jun.2015.

BALISCEI, João Paulo; TERUYA, Teresa Kazuko; STEIN, Vinícius. Como "ser homem"? Investigando discursos sobre masculinidades. **Revista digital do LAV**, Santa Maria, v.8, n.4, p.88-104, jan./abr.2015.

BAUMAN, Zygmund. **Tempos Líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2007.

CASTELA, Ana Paula R. do N. **O corpo escrito** – as tatuagens na pós-modernidade. 2009. 331 p. Tese (Doutorado em Sociologia e Comunicação) – Universidade de Salamanca, faculdade de ciências sociais, Salamanca, 2008. Disponível em: <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/76324/1/DSC_%20RobalodoNascimentoCastelaAP_%20CorpoEscrito.pdf>. Acesso em: 20 ago 2014.

COSTA, Marisa Vorraber . Vestir-se para além das roupas. **A Página da Educação**, v. 198, p. 44-45, 2012.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura Visual e infância. In: REUNIÃO DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Minas Gerais: Associação Nacional de Pesquisadores em Educação, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf>>. Acesso em: 23 ago 2014.

ECO, Humberto. **História da feiúra**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIROUX, Henry. A dysneização da cultura infantil. IN: Silva, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 41-81.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.)**. – 12º ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 103-133.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEITÃO, Débora Krischke. Mudanças de significado da tatuagem contemporânea. **Cadernos IHU Idéias**, Vale do Rio dos Sinos, ano 2, n. 16, 2004. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1163186745.46pdf.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

LOURO, G. L. Corpos que escapam. **Labrys. Estudos Feministas Online**, Brasília/Montreal/Paris, v. 04, 2003. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_infancia_e_juventude/Mesa_Redonda/02_38_25_m58-289.pdf>. Acesso em: 01 set 2014.

MANGUINHO, Julyana Vilar de França. Gênero, corpo e tatuagem. In: Fazendo gênero 9. 2010. Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278193511_ARQUIVO_texto-fazendogenero.pdf>. Acesso em: 23 ago 2014.

MICHAELIS – Dicionário da Língua Portuguesa Online. 5. ed. [S.l.]: Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>>. Acesso em: 28 ago 2014.

MOMO, Mariângela. Condições culturais contemporâneas na produção de uma infância: o pós-moderno que vai à escola. IN: **30ª reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED**, Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/trabalhos>>. Acesso em 19 de fev. 2015.

MOMO, Mariangela; COSTA, Marisa Vorraber. Crianças escolares do século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cad. Pesqui.** [online]. 2010, vol.40, n.141. p. 965-991.

NUNES, Luciana Borre. As Imagens que Invadem as Salas de **Aula**: Reflexões sobre Cultura Visual. 1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2010. 126p.

PÉREZ, Andrea Lisset. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, vol 12, n. 1, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132006000100007&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 set 2014.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 09-21, jul-dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Acesso em: 27 jun 2014.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para comprar**: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo. Tradução de Eloisa Helena de Souza Cabral . São Paulo: Editora Gente, 2009.

SILVA, Bruna Cristina Daminelli. **A tatuagem na contemporaneidade**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais – Bacharelado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000043/000043A1.pdf>>. Acesso em: 30 ago 2014.

SOUZA, Michely Calciolari; BALISCEI, João Paulo; TERUYA, Teresa Kazuko. Representações visuais na modernidade líquida: o que os manequins falam de nós?. **Revista Educação da UFSM**, Santa Maria, v. 40, n 2, p. 361-374, maio./ago. 2015

STEINBERG, Shirley R; A mimada que tem tudo. In: **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Shirley R. Steinberg, Joe L. Kincheloe (Orgs.). Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 321-338.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.